

**A rede de cidades criativas da Unesco:
possibilidades criativas para o
desenvolvimento socioeconômico e para o
compromisso de sustentabilidade no
turismo na cidade de Goiás (GO)**

The Unesco creative cities network: creative possibilities for socioeconomic development and sustainable tourism commitment in the city of Goiás (GO)

La red de ciudades creativas de la Unesco: posibilidades creativas para el desarrollo socioeconómico y compromiso de sostenibilidad en el turismo en la ciudad de Goiás (Go)

Alexandre Wagner da Silva Andrade

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
alexandredesigning@gmail.com

Marcelo Augusto Gurgel de Lima

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
marceloaglima@gmail.com

Resumo: Em 2004, a UNESCO criou a Rede de Cidades Criativas visando trabalhar a criatividade como estratégia de desenvolvimento do território, tendo como pilar o incentivo às sete áreas da criatividade: artesanato e arte folclórica, design, cinema,

gastronomia, literatura, mídia e música. Com base nesse contexto, este artigo objetiva analisar quais as potencialidades, os obstáculos e os desafios possíveis para a cidade de Goiás (GO) se tornar uma cidade criativa, a partir do seu potencial sociocultural e da sua possibilidade criativa para a sustentabilidade no turismo. Para tal, a metodologia contou com pesquisa bibliográfica, documental e realização de entrevistas com atores estratégicos. Os resultados indicam que esse título pode contribuir para o desenvolvimento social, econômico, cultural e do turismo da cidade, mas, para isso, precisa ser pensado de forma coletiva e participativa, através do protagonismo e da mobilização efetiva da comunidade local, contemplando não apenas o centro histórico patrimônio cultural mundial.

Palavras-chave: Turismo. Cidade Criativa. UNESCO. Economia Criativa.

Abstract: In 2004, UNESCO created the Creative Cities Network to harness creativity as a development strategy for territories, with a focus on promoting the seven areas of creativity: crafts and folk art, design, film, gastronomy, literature, media, and music. Building upon this context, this article aims to analyze the potential, obstacles, and possible challenges for the city of Goiás (GO) to become a creative city, leveraging its sociocultural potential and creative possibilities for sustainability in tourism. The methodology employed bibliographic and documentary research, as well as interviews with key stakeholders. The results indicate that this title can contribute to the social, economic, cultural, and tourism development of the city, but it necessitates collective and participatory planning, with active community engagement and mobilization, encompassing not only the historic center as a world cultural heritage site.

Keywords: Goiás. Creative cities. UNESCO. Creative economy.

Resumén. En 2004, la UNESCO creó la Red de Ciudades Creativas con el objetivo de trabajar la creatividad como estrategia de desarrollo territorial, incentivando siete áreas de creatividad: artesanía y arte

folclórico, diseño, cine, gastronomía, literatura, medios de comunicación y música. Basándose en este contexto, este artículo tiene como objetivo analizar el potencial, obstáculos y desafíos para que la ciudad de Goiás (GO) se convierta en una ciudad creativa, aprovechando su potencial sociocultural y posibilidades creativas para la sostenibilidad en el turismo. Para ello, se utilizó una metodología que incluyó investigación bibliográfica, documental y entrevistas con actores clave. Los resultados indican que este título puede contribuir al desarrollo social, económico, cultural y turístico de la ciudad, pero para lograrlo se requiere una planificación colectiva y participativa, con un compromiso activo y movilización de la comunidad local, que no se limite únicamente al centro histórico como patrimonio cultural mundial.

Palabras clave: Geografía. Paisaje. Espacio. Lugar. Territorio.

Introdução

O termo "cidade criativa" é originário da década de 1990, tendo sido mencionado pela primeira vez pelos teóricos Charles Landry e Franco Bianchini (LANDRY; BIANCHINI, 1995), em livro de sua autoria, ainda que cidades classificadas por essa nomenclatura precedam a criação do termo que as identifica. Nesse contexto, um local criativo pode ser interpretado como sendo,

uma sala, um prédio, uma rua, um bairro. As qualidades de uma Cidade Criativa são similares: um senso de conforto e familiaridade, uma boa mistura do velho com o novo, variedade e escolha de um equilíbrio entre o calmo e o vivificante ou entre o risco e a cautela (LANDRY, 2013, p. 45).

Nessa mesma época, outros termos foram surgindo, na literatura internacional especializada, como cidades inteligentes e cidades do conhecimento, dentre outros que buscavam compreender as novas tendências de economia das sociedades pós-industriais e a importância da criatividade como uma estratégia transversal de um desenvolvimento econômico mais sustentável e centrado nas pessoas (ANDRADE; COUTINHO, 2020).

Ainda naquele momento histórico, outra terminologia surgia, "indústria criativa", justamente como uma alternativa capaz de propor um novo estilo de sociedade para substituir a decadência da indústria mecanicista. Autores como Charles Landry, a partir de 1995, e Richard Florida, a partir de 2002, entre outros, foram identificando processos de gentrificação de antigos guetos e territórios marginalizados, antigos galpões e fábricas, que, por meio da arte e da cultura, promoviam uma verdadeira transformação social e territorial, como explica Vivant (2012).

No início deste século, de acordo com a literatura pesquisada, foram implementadas as primeiras estratégias para o desenvolvimento do território baseado nesse conceito. A partir de então, a noção de cidade criativa passa a ser mais disseminada, muito em virtude da teoria da classe criativa de Richard Florida (2002). De acordo com Depiné (2021, 2018a, 2018b), essa teoria insere os trabalhadores criativos como os principais atores nesse novo tipo de desenvolvimento, tendo a criatividade como seu principal ativo.

Nesse encaminhamento, em 2004, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) criou uma rede de cidades criativas em diferentes locais do mundo que trabalham a criatividade como estratégia de desenvolvimento do território. Atualmente, são 246 cidades, em 88 países membros, que formam uma rede de troca de informações que trabalham as sete áreas da criatividade: artesanato e arte folclórica, design, cinema, gastronomia, literatura, mídia e música. Além dos objetivos propostos, desde 2015, passaram a apoiar também o cumprimento dos 17 indicadores dos *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030* da Organização das Nações Unidas (ONU).

Dessa forma, a UNESCO, por meio das *Redes de Cidades Criativas*, tem como proposta valorizar iniciativas ao redor do mundo que coloquem a cultura e a criatividade como principais ativos na estratégia de desenvolvimento econômico e territorial. Com isso, essas cidades se tornam, em tese, mais inclusivas, seguras, sustentáveis e, conseqüentemente, alinhadas aos compromissos assumidos com a *Agenda 2030* da ONU. A proposta da UNESCO é que o município contemplado com o título de Cidade Criativa precisa se comprometer, no longo prazo, com a iniciativa proposta e compartilhar suas ações para fomentar o intercâmbio de informações sobre as diferentes atividades praticadas ao redor do mundo (UNESCO, 2017).

No cenário nacional, o número de cidades criativas é ainda ínfimo, em proporção ao número de municípios brasileiros que passaram por um forte processo de industrialização e possuem potencial para a obtenção desse título. Isso porque, de acordo com Vivant (2012), é notório que as cidades criativas pioneiras foram justamente as mais impactadas pela crise industrial. Cunha e Makiya (2014), citando Landry, destacam que a cidade criativa é um conceito válido para quaisquer cidades, sejam estas grandes ou pequenas, pois coloca a sociedade civil e a criatividade como o principal agente de mudança social.

Sendo assim, para este artigo, foi selecionada a antiga capital de Goiás, que leva o mesmo nome do estado. A cidade de Goiás, fundada em 1727 pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, tem várias características históricas e culturais que dialogam com as áreas da criatividade propostas

pela UNESCO as quais a dotam de um grande potencial para fazer parte dessa rede de cidades.

Essa cidade, que já tem o título de Patrimônio Cultural Mundial, pela UNESCO, desde dezembro de 2001, agrega também outros atributos que contribuem para que ela busque este segundo reconhecimento internacional, o de cidade criativa.

É possível citar alguns exemplos que ilustram a riqueza e a diversidade cultural da cidade, como: a Procissão do Fogaréu, como manifestação cultural e religiosa do município, que resiste desde o século XIX e é protagonizada pelos Farricocos que enriquecem a cultura local; a Associação dos Artesãos da Cidade de Goiás, que surgiu em 1977, já teve a participação de 500 artesãos e ajudou a formar novas gerações de artesãos; o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), que é realizado anualmente na cidade desde 1999; a literatura, que tem, como sua maior expoente, a Ana Lins dos Guimarães Peixoto, a Cora Coralina e, por último, os famosos e tradicionais doces de Goiás. Recentemente, o doce Alfenim, simbolizando o Espírito Santo e “nascido” das mãos da doceira Sílvia Curado, foi coroado como patrimônio imaterial de Goiás.

Como o objetivo da UNESCO é criar um vínculo no longo prazo com as cidades que recebem o título de Cidade Criativa e suas propostas, um dos primeiros passos é identificar se, de fato, a proposta é de interesse da sociedade civil, pública e privada. Caso seja do interesse desses atores, posteriormente, precisa ser definida qual manifestação cultural/artística será selecionada para aplicar à UNESCO.

Conquanto não haja dúvida de que Goiás tem muitos requisitos para fazer parte dessa rede, os atores da esfera pública, privada e a própria comunidade local teriam interesse? O que mudaria, efetivamente, para a cidade, e o que geraria de benefício para a comunidade? Será que mais um título da UNESCO para a cidade vai mudar ou ampliar a visão dos atuais e futuros gestores públicos do estado onde o agronegócio é a principal atividade econômica?

Com base nessa breve reflexão, este artigo objetiva analisar quais as potencialidades, os obstáculos e os desafios possíveis para a cidade de

Goiás se tornar uma cidade criativa pela UNESCO, a partir do seu potencial sociocultural e da sua possibilidade criativa para o desenvolvimento sustentável de novas iniciativas locais e do turismo.

Para responder ao objetivo proposto, o percurso metodológico contou com pesquisa bibliográfica e documental e com a realização de entrevistas com o Secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico do município de Goiás e, atualmente, Secretário Interino de Cultura, Rodrigo Santana, como um dos sujeitos entrevistados. Foi realizada também uma entrevista com o especialista em Sociedades Pós-industriais e Organizações Criativas, mestre em Antropologia e idealizador e curador do Fórum Internacional de Cidades Criativas, Decio Coutinho, para compreender melhor as possibilidades e a viabilidade de conquista desse novo título para a cidade.

Com o objetivo de estimular um crescimento sustentável do município por meio de ações dentro da economia criativa, este artigo busca refletir, também, se o título de Cidade Criativa da UNESCO pode ser uma estratégia para estabelecer conexões mais fortes entre as diferentes manifestações e seus atores dentro da cultura do município, ampliando, assim, o grande potencial turístico de Goiás. Muitas dessas manifestações já estão alinhadas à *Agenda 2030* da ONU e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A cidade de Goiás

O município de Goiás, que ocupa uma área urbanizada de 7,62 km², tem como principal bioma o cerrado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último Censo de 2010, a população do município de Goiás era de 24.727, sendo que a projeção do instituto era que, em 2021, a população fosse de 22.122. A renda per capita do município, para trabalhadores formais, é de 1,9 salários mínimos. Esses dados colocam o município como o 41º mais populoso do estado, dentro de 246 municípios, e o 90º em renda per capita do estado. O município de Goiás é formado por 6 (seis) distritos: Goiás, Buenolândia, Calcilândia, Davidópolis, São João e Colônia de Uvá, permanecendo, dessa forma, até 2018 (IBGE, 2018).

A história da cidade começa no fim do século XVII. O território que hoje é conhecido como estado de Goiás já havia sido percorrido, no fim daquele século, por Dias Pais e por Bartolomeu Bueno da Silva. Posteriormente à descoberta das ricas jazidas de ouro encontradas em Minas Gerais, em 1718, também foi descoberto ouro em Cuiabá e, posteriormente, no Rio Vermelho (ASSIS, 2018).

A partir da capitania hereditária de São Paulo, uma bandeira¹ organizada por pai e filho homônimos, Bartolomeu Bueno da Silva, partiu em direção à região central do país, entre os territórios espanhol e português. Bartolomeu filho, que, além do nome, também herdou o apelido de Anhanguera, deu início a uma bandeira em 1722, poucos anos depois da morte do seu pai. A bandeira que resultou em muitas baixas não apenas da comitiva, mas, principalmente, de povos originários tinha como principal objetivo a descoberta de jazidas de ouro passíveis de serem exploradas. Tendo sido atingido o objetivo, em 1727, foi fundado o distrito e freguesia de Santana de Goiás, que, mais tarde, passaria à condição de Vila, Vila Boa de Goiás (ASSIS, 2018).

Anos depois, de acordo com Paulus (2013), em 1744, Vila Boa de Goiás tornou-se a sede da Capitania de Goiás. Com isso, foi construída uma série de prédios públicos, como: a Casa de Fundação (1750), o Palácio do Governador (1751), o quartel militar (1751), a Casa da Câmara e Cadeia (1761) e o Teatro de São Joaquim (1777). Além disso, entre 1778 e 1783, foi definido um novo projeto urbanístico o qual perdura até hoje. Com a decadência da extração aurífera no final do século XVIII, mesmo sendo a capital, a vila entrou em um longo período de estagnação. A população, aos poucos, foi buscar refúgio na atividade camponesa, tendo chegado a decrescer no fim do século XIX.

Com o declínio da importância econômica da vila, em 1937, deixou de ser a capital, passando para Goiânia essa função (PAULUS, 2013). Ainda que esse processo tenha impactado profundamente na sua dinâmica econômica, social e política, na década de 1950, a cidade foi tombada como Patrimônio Histórico pelo Governo brasileiro. Para Pinheiro (2019), esse tombamento fez com que a cidade conservasse as características coloniais na sua arquitetura, história e tradições culturais. Nesse contexto, na década de 1950, foi criado um escritório

¹ Movimentos de penetração territorial que alargaram as fronteiras brasileiras muito além do Tratado de Tordesilhas. Diferentemente das Entradas, que eram financiadas pelo governo, as Bandeiras tinham subsídios privados (OLIVEIRA, 1992).

do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Federal (IPHAN), responsável por tomba prédios históricos, o que se constituiu como um ator fundamental para a articulação de políticas públicas culturais para a cidade. A atuação do IPHAN foi potencializada, muito em virtude da criação da Organização Vilaboense² de Artes e Tradições (OVAT), na década de 1960. Essa organização tinha, como objetivo, ser a guardiã da memória e cultura da cidade. Na atualidade, a OVAT ainda está em atividade e atuando na preservação do patrimônio cultural e das tradições da cidade.

As Cidades Criativas da UNESCO no Brasil

No Brasil, temos doze cidades reconhecidas como Cidades Criativas da UNESCO em 6 (seis) das 7 (sete) áreas da criatividade propostas, segundo o Quadro 1, a seguir:

Cidade	Categoria / Áreas	Ano
Curitiba - PR	Design	2014
Florianópolis - SC	Gastronomia	2014
Belém - PA	Gastronomia	2015
Salvador - BA	Música	2015
Santos - SP	Cinema	2015
Brasília - DF	Design	2017
Paraty - RJ	Gastronomia	2017
João Pessoa - PB	Artesanato e folclore	2017
Belo Horizonte - MG	Gastronomia	2019
Fortaleza - CE	Design	2019
Campina Grande - PB	Mídia	2021
Recife - PE	Música	2021

Quadro 1 - Cidades Criativas da UNESCO no Brasil

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A partir da leitura do quadro anterior, percebe-se que o Brasil tem representantes em cada uma das áreas da criatividade mapeadas pela

² De acordo com o *Guia afetivo da Cidade de Goiás* (LIMA, 2008), os nascidos na cidade de Goiás recebem o gentílico de vilaboense, em homenagem ao primeiro nome da cidade, Vila Boa de Goiás, na condição de vila.

UNESCO, com exceção da literatura. Sobre essa categoria, é válido mencionar que, atualmente, existe apenas uma cidade dela representante na América Latina e Caribe, Montevidéo, capital do Uruguai. Além disso, não há ainda uma cidade goiana na lista das Cidades Criativas da UNESCO. Dentro da categoria de Artesanato e Folclore, por sua vez, apesar de termos um representante no Brasil, João Pessoa - PB, na América Latina e Caribe, são apenas dez com o título de Cidades Criativas que se enquadram nessa área.

Nesse cenário, pensando nas maiores potencialidades da cidade de Goiás, as áreas da literatura e a área do artesanato e folclore parecem ser as categorias que mais traduzem os talentos do território. Com isso, preencher essa lacuna dentro da pouca quantidade de cidades que representam essas duas áreas propostas, tanto no Brasil como na América Latina, sugere uma oportunidade ainda mais relevante para os vilaboenses.

Válido ilustrar que, dentre as cidades brasileiras que fazem parte da UCCN, Fortaleza é uma dessas dez cidades. A cidade é a capital do estado do Ceará, fundada em 1726, no nordeste do Brasil, sendo responsável por mais de 20% dos estabelecimentos de design do Nordeste (Figura 1), sendo que o setor movimenta US\$ 135 milhões para a região, o que representa praticamente 10% da economia da cidade.



Figura 1 - Fortaleza, Cidade Criativa da UNESCO - Design, 2019

Fonte: UNESCO (2023)

João Pessoa (PB) é um outro exemplo de cidade brasileira que detém o título de Cidade Criativa da UNESCO, justamente na área de Artesanato e Folclore, área esta com um grande potencial para a cidade de Goiás. A cidade é a capital do estado da Paraíba, com uma população de quase 1 milhão de habitantes. A cidade, conhecida como a 'Porta do Sol', é também um dos principais destinos turísticos do Nordeste. João Pessoa é o principal centro comercial regional da produção de artesanato. O artesanato em João Pessoa, conforme ilustrado a seguir, é desenvolvido por volta de 5.000 famílias de artesãos que vivem principalmente nas áreas rurais ao redor da cidade.



Figura 2 - Exemplos de artesanato da cidade de João Pessoa (PB), Cidade Criativa da UNESCO (Artesanato e Folclore, 2017)

Fonte: UNESCO (2023)

Os exemplos supracitados (Fortaleza e João Pessoa) ilustram duas iniciativas de cidades que submeteram suas propostas para o título de Cidades Criativas da UNESCO, sendo o resultado final favorável muito em virtude do empenho e do envolvimento dos atores locais estratégicos, em suas respectivas áreas, que se uniram a favor de um objetivo em comum, compreendendo que o título só reforçaria esses “talentos” que já representavam as identidades desses territórios. Assim, entende-se que esses “talentos” foram, assim, evidenciados com o título da UNESCO, vez que essas cidades, por si sós, já tinham a força e o lastro necessários para sustentar um título dessa magnitude.

A literatura e o artesanato e folclore da cidade de Goiás: potencialidades

Somente pelas obras de Cora Coralina, Leodegária de Jesus, José Décio Filho, Bernardo Élis, Carmo Bernardes e José J. Veiga e tantos outros poetas, cronistas e romancistas vilaboenses, já se demonstra o potencial da antiga capital goiana para se tornar uma cidade criativa da UNESCO, na área da literatura. Corroborando ainda mais com esse argumento, a cidade já possui uma série de atrativos turísticos que estão, direta ou indiretamente, conectados com a literatura. Um dado que ilustra essa conexão é o Passo Poético, localizado na rua Dom Cândido Penso, que se inicia na igreja do Rosário e finaliza na cruz do Anhanguera. O Passo é uma proposta de exposição de 16 placas ladeando a rua e fixadas nas casas centenárias da rua Dom Cândido Penso com trechos de poemas e músicas de vilaboenses, como Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Francisca Philemon de Mascarenhas (1894-1983), Jorge Brom (1888-1989), Antônio Geraldo Ramos Jubé (1927-2010), Antônio Félix de Bulhões Jardim (1845-1887), João Ribeiro da Silva (1903-1957), Augusto Rios (1876-1959), Edmundo Xavier de Barros (1861-1905), Tereza Godoy (1875-1958), Cora Coralina (1889-1985), Regina Lacerda (1921-1992), Ygino Rodrigues (1867-1907), Aymoré de Vellasco (1929-1984), Joaquim Xavier de Almeida 1889-1930), entre outros. O Passo Poético foi inaugurado em comemoração aos 20 anos da conquista do título de Patrimônio Cultural pela UNESCO pela cidade de Goiás (MUNIZ, 2021).

Um outro exemplo da importância da literatura pode ser observado a partir da interface entre a literatura e o turismo, através do tour noturno literário pela cidade criado pelo historiador e turismólogo Fábio Henrique Barbalho Gomes. O roteiro, que pode ser realizado em até três horas, passa pelos becos de Goiás com cinco diferentes intervenções literárias, momento em que são recitados poemas de Cora Coralina. Tudo isso iluminado pelas luzes da cidade e pela luz dos lampiões usados no roteiro, como destaca Vessoni (2015).

Outro exemplo da literatura que inspira iniciativas pela cidade é o Caminho de Cora Coralina, o único caminho de poesias do mundo, de acordo com Bertechini (2022). Ainda que esse caminho possa ser

considerado um exemplo de turismo literário - e essa possibilidade tenha gerado discussões sobre o tema, inclusive com um artigo da saudosa professora Maria Geralda de Almeida (2019) -, o fato é que, ano após ano, a trilha atrai cada vez mais turistas em busca de uma experiência de ecoturismo associada ao interesse pela cultura goiana e/ou por conhecer mais sobre a obra da escritora e poetisa que dá nome à trilha e, como ela mesma se autodenominava, a doceira Cora Coralina.

Aqui é válido destacar que as trilhas de longa distância foram criadas ao redor do mundo por diversas motivações, sejam religiosas ou apenas como uma estratégia de ecoturismo somadas aos potenciais turísticos (natural e cultural) de cada região.

Nesse direcionamento, em setembro de 2020, por meio da articulação entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e o Ministério do Turismo (MTur), foi criada a Rede Trilhas com o objetivo de preservação do patrimônio cultural e natural brasileiro (GOV.BR, 2021), como é o caso do Caminho Cora Coralina e de todos os municípios que fazem parte da trilha.

Mais que mapear e identificar estas trilhas, a Rede Trilhas tem como objetivo, também, auxiliar a governança das trilhas de longo curso, concedendo maior projeção e significado aos parques nacionais, a partir da implementação de roteiros integrados que fortalecem a conservação da biodiversidade, a valorização das culturas e a conexão entre as mais diversas paisagens no país (REDE TRILHAS, 2022).

Um dos mais recentes caminhos agregados à Rede Trilhas é justamente o Caminho de Cora Coralina, que integra a Rede desde março de 2021 por meio do MMA (SOUZA, 2021). Esse caminho, que começa em Corumbá de Goiás, passando por Salto de Corumbá, Cocalzinho de Goiás, Parque Estadual da Serra dos Pirineus, Pirenópolis, Caxambú, Raiolândia, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Vila Aparecida, Alverlândia, Palestina, Itaguari, São Benedito, Calcilândia, Ferreiro e finalizando na Cidade de Goiás, é uma trilha de 313 km que pode ser feita a pé ou de bicicleta. A pé, a trilha pode ser percorrida em até 15 dias, aproximadamente, e em até 7 dias de bicicleta. No contexto de a trilha ser classificada como um exemplo de turismo literário, Maria Geralda (2020) define, criticamente, o Caminho

de Cora como um esforço de marketing para o turismo. Apesar de a autora não criticar o Caminho ou o marketing, ela enfatiza a sua preocupação quanto à utilização, sem aprofundamento cultural, do nome de Cora Coralina, a grande poetisa goiana, limitando-a a uma trilha de longa distância. Na sua visão, isso, ao invés de divulgar o trabalho e obra da poetisa, poderia fazer justamente o oposto. Mas, como cita a própria autora, em outra publicação, "o objeto turístico, em si, não existe, é uma invenção para e pelo turismo" (ALMEIDA, 2020). O fato é que o Caminho de Cora Coralina já tem seu lugar de destaque como trilha de longa distância no estado de Goiás, conforme destaca Almeida (2020).

No que tange às manifestações culturais, a Procissão do Fogaréu também pode ser compreendida enquanto uma possibilidade para a conquista do título de Cidade Criativa da UNESCO, na categoria artesanato e folclore. A data oficial para a origem da procissão é controversa, pois os registros documentais dessa data são discrepantes, como afirma Silva (2011, p. X):

Alguns pesquisadores têm considerado-a como uma tradição inventada ao relacionar o surgimento da OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições), em 1965, com o processo de criação do enredo e dos personagens da procissão, provavelmente entre os anos de 1966 e 1967. Essa é uma questão relevante, já que possibilita confrontar as versões de uma tradição oral que afirma que a procissão teria sido criada em 1727, por um padre espanhol chamado Francisco Perestello.

A procissão foi criada pela influência dos rituais católicos ibéricos. Isso porque os rituais da Semana Santa são marcantes para o calendário do catolicismo, tendo essa tradição europeia sido mantida em terras brasileiras.

Nesse sentido, um grupo de jovens reunidos na casa de Goiandira Aires de Souza, na década de 1960, decidiram que a cidade de Goiás precisaria resgatar parte da sua história através da valorização e da promoção da arte e da cultura locais. Assim, motivados por um objetivo em comum, o grupo criou a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT). A partir de então, alguns estudos começaram a ser realizados com o objetivo de encontrar e mapear manifestações tradicionais de outras localidades que fizessem confluência com as tradições locais. Ainda que não

se tenha registro oficial sobre qual foi a primeira festividade em comemoração à Semana Santa, a primeira celebração data de 1749, conforme Tamaso (2008).

Elder Camargo de Passos foi um desses jovens, fundador e presidente da OVAT. Este, com os demais membros do grupo, pesquisava, no jornal O Globo, referências do Rio de Janeiro que poderiam ser resgatadas para a festa da Semana Santa. Sendo assim, em 1966, um ano após a criação da OVAT, foi feita a Procissão do Fogaréu, com apenas três farricocos.

Entre a adaptação da procissão que existia, à época, com os ajustes necessários para a realidade da cidade de Goiás, destaca-se a participação das mulheres na procissão. Outra questão foi a entrada na catedral. Segundo os fundadores da OVAT, era perigoso entrar pela lateral na catedral, como fora feito no passado, dado ao perigo que seria pessoas entrando com tochas dentro da igreja.

Mesmo com todo o trabalho de resgate feito pela OVAT, existem críticos a essa procissão, justamente pelas suas adaptações, ainda que esse trabalho faça parte de um processo de reconstrução identitária. Para alguns teóricos, o que deveria ser uma tradição é visto mais como uma invenção. A procissão, ainda que atraia muitos turistas e tenha um grande engajamento da população, não é uma unanimidade justamente por esse antagonismo entre a tradição e a invenção (SILVA, 2011).

O significado do título pela perspectiva dos entrevistados

Com o objetivo de investigar os caminhos para a aquisição do título de Cidade Criativa da UNESCO por Goiás, assim como analisar os possíveis benefícios para a comunidade local, foi entrevistado o administrador Decio Coutinho, especialista em Sociedades Pós-industriais e Organizações Criativas, e o Secretário Municipal de Turismo, Rodrigo Santana.

Segundo o primeiro entrevistado, as áreas de maior potencial para Goiás são as áreas de gastronomia e literatura. Na sua visão, a literatura

poderia ser a área mais interessante, justamente pelo fato de o país não ter representante nessa área da criatividade, enquanto que a gastronomia já conta com 4 (quatro) representantes (Belém, Paraty, Belo Horizonte e Florianópolis). O entrevistado complementa que há muitas ressalvas em relação a esse título da UNESCO que, segundo ele, pode ser “muito tentador” para autoridades políticas locais projetarem a cidade. Contudo, sem um devido cuidado e trabalho de mobilização social, o esforço pode ter um efeito negativo. Para ele, uma cidade criativa começa com as pessoas e é desenvolvida para o benefício também dessas pessoas que moram no município e, conseqüentemente, para os turistas. Uma das suas maiores preocupações é justamente a possibilidade de perda do título. Segundo ele, o título é uma aposta para o futuro e, justamente por isso, o não cumprimento das ações propostas pela UNESCO pode acarretar na perda do título, o que poderia ter um efeito inverso para o município. O ideal, para o entrevistado, é que se desenvolva um território criativo, para que as manifestações culturais e artísticas se integrem e que se estimulem de diferentes formas. Para ele, o pensamento de desenvolver apenas uma área correria o risco de criar uma “ilha de prosperidade”, o que não teria nada de criativo. O entrevistado ainda ressalta que “a minha crítica à titulação da UNESCO é pelo foco em um segmento específico. E, quando a gente pensa em cidade criativa, a ideia é que se conecte música, teatro, dança, gastronomia, moda...”. Nessa perspectiva, o receio é o “engajamento” de apenas um segmento, de acordo com ele. “A criatividade depende dessas conexões, e se você trabalhar apenas a literatura ou a gastronomia, você está praticamente depondo contra a criatividade”, conclui.

Para concluir, o entrevistado comentou, ainda, que o título tem sua importância. A UNESCO propõe encontros entre os representantes das cidades para que exista um intercâmbio de informações e, assim, conceba-se uma teia de intercâmbio entre todos os municípios envolvidos na área de conhecimento proposta, por meio dessa rede internacional de cooperação, compartilhando conhecimentos, gerando apoio financeiro e promovendo essas cidades.

A visão do entrevistado converge em vários pontos com o entendimento do Secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico do município de Goiás e também Secretário Interino de Cultura, Rodrigo

Santana. Para ele, a cidade precisa "se desenvolver em diversos segmentos", desde que estes convirjam para a "identidade local".

Segundo o secretário, a população local e a gestão pública municipal possuem uma "visão bem alinhada". Os vilaboenses desejam que o turista venha para o município e, com isso, estimule-se a economia local, mas eles não querem o turista e o empresário do turismo a qualquer custo. "O turismo tem destruído muitos territórios, poluindo os atrativos turísticos e expulsando a população local para a periferia... no nosso entendimento, o turismo criativo valoriza as pessoas, os fazedores de cultura e os empreendedores", esclarece.

O entrevistado citou o carnaval de Goiás como um exemplo que ele almeja para a cidade. "O nosso carnaval foi o melhor do Estado de Goiás. 35 atividades culturais na cidade, sendo 28 de artistas locais. Com isso você fortalece a cultura local". Ele comentou também sobre uma linha de crédito para o empreendedor local do turismo, o Banco Popular Solidário, com empréstimos sem juros para o empreendedor. "Não queremos crescer a qualquer preço. Sabemos dos nossos limites e também sabemos o que não queremos para o nosso turismo", ressaltou. Para tal, "todas as nossas propostas são construídas no Conselho Municipal de Turismo, com a participação de guias, universidades, museus, empresários e a sociedade civil", acrescentou.

Em relação aos benefícios possíveis, o entrevistado não acredita que o título de cidade criativa, de forma isolada, pode automaticamente trazer benefícios para a cidade. Ele mesmo destacou que o título de Patrimônio Mundial da UNESCO não gerou nenhum benefício de imediato. No entanto, ao longo dos mais de 20 anos, o título já possibilitou muitos benefícios, como o recente investimento no município na ordem de um milhão e oitocentos mil reais, justamente pelo título da UNESCO. Segundo ele, a cidade criativa "precisa ser construída no dia-a-dia".

Em tese, pode-se concluir que, de fato, o título poderá trazer muitos benefícios para a cidade de Goiás, desde que esse título seja um esforço coletivo dos vilaboenses em construir uma cidade orientada pela economia criativa por meio dos fazeres dos seus artistas, artesãos e demais atores criativos. Todavia, mais importante que o próprio título, é o território

criativo, para cuja consecução é necessário que se abrace a comunidade local, incluindo a terceira idade, a comunidade LGBTQIA+, a comunidade quilombola, as crianças, as PCDs e demais minorias, para que todos se sintam parte importante desse processo, até porque, segundo o próprio Decio, um local criativo é inclusivo e pertence a todos e todas.

Considerações finais

Este artigo objetivou analisar quais as potencialidades, os obstáculos e os desafios possíveis para a cidade de Goiás se tornar uma cidade criativa pela UNESCO, a partir do seu potencial sociocultural e da sua possibilidade criativa para o desenvolvimento sustentável de novas iniciativas locais e do turismo.

Para responder ao objetivo, foi realizada pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas com dois atores estratégicos que discorrem sobre o tema em questão. Com base nesse percurso metodológico, parece ser possível concluir que a cidade de Goiás possui muitos potenciais criativos e, mesmo que o título de Cidade Criativa da UNESCO venha pela gastronomia ou pela literatura, como sugere um dos entrevistados, é imperativo que o município, através da gestão municipal e demais atores estratégicos, trabalhe os seus múltiplos talentos com e para a comunidade local, fazendo destes protagonistas nesse processo.

A velha casa da ponte, ou como a própria Cora Coralina dizia “o barco centenário enalhado no rio Vermelho”, ilustra bem a proposta deste artigo. A casa, que foi construída em meados do século XVIII, foi local da cobrança do Quinto real, imposto cobrado pela coroa, durante o período colonial, a partir do volume de ouro extraído na região. Somente no início do século seguinte, a casa passou a pertencer à família de Cora Coralina.

Na atualidade, a casa passou a ilustrar bem a mudança na percepção de riqueza que, anteriormente, antes da noção de desenvolvimento sustentável pautada pela economia criativa, era representada pelo imposto na extração do ouro e, nos dias de hoje, é representada pelo seu valor patrimonial, histórico e afetivo.

Neste artigo foi apresentada uma série de sustentações para se pensar o município de Goiás como um território criativo. Fomentar a economia criativa como um dos pilares do desenvolvimento econômico e social é urgente e necessário. A cidade tem uma série de públicos de interesses que dão sustentabilidade para estimular oportunidades, negócios e formar uma geração de criativos que fomentem o território criativo e, por conseguinte, o turismo.

Para tal, é preciso iniciar um trabalho de mobilização social contemplando os diferentes distritos do município, convocando os diferentes atores da esfera pública, privada, associações de classe, Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, Universidade Estadual de Goiás, estudantes do ensino médio, museus, SEBRAE, IPHAN, entre outros, para desenhar um plano de desenvolvimento criativo que inclua todos e todas.

Não se pode concluir que a aplicação da cidade como uma Cidade Criativa da UNESCO, por si só, fará com que ela atraia mais turistas. Muito menos acreditar que, ainda que a cidade conquiste o título, o município consiga, de fato, fazer com que se fomente a economia criativa na cidade. Mas, a exemplo do processo de tombamento da cidade na década de 1950, parece ser possível afirmar que, com mais esse título, as possibilidades de as tradições da cidade serem mais valorizadas e naturalmente preservadas são maiores. Nesse sentido, essa riqueza que faz parte da essência vilaboense continuará atraindo mais turistas que queiram vivenciar um pouco dos becos, do artesanato, dos doces e da poesia da cidade de Cora.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. O Caminho de Cora Coralina - turismo literário ou marketing do turismo? **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v.9, n.1, p.237-249. Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO), 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/10083>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ANDRADE, Alexandre; COUTINHO, Decio. **Relatório** – Desenvolvimento de Negócios Criativos Sustentáveis e Regenerativos. SEBRAE - PB, 2020.

ASSIS, Wilson Rocha Fernandes. **Estudos de História de Goiás**. 3º. Edição. Goiânia: Palavrear Livros. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XQiQDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT11&dq=historia+de+goias&ots=meGDJmbjwY&sig=ByWCz3VAoJ0XgIM2q-NqUIDpF0M#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 10 nov. 2022.

BERTECHINI, Paulo. **O Único Caminho de Poesias do Mundo**. Peregrinos Sem Fronteiras, 2022. Disponível em: <https://www.peregrinosemfronteiras.com.br/post/cora-coralina-viatore>. Acesso em: 05 mar. 2023.

CUNHA, Marcus Vinicius Fantucci; MAKIYA, Ieda Kanashiro. Cidades criativas como modelos de desenvolvimento econômico: cases internacionais. In: **X Congresso Nacional de Excelência em Gestão**. De 08 a 09 de agosto de 2014. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2378678/mod_resource/content/1/T14_0140_0.pdf Acesso em: 05 mar. 2023.

DELGADO, Andréa. Memória, trabalho e identidade: as doceiras da cidade de Goiás. **Cadernos Pagu**, Gênero em gerações, v. 13, p. 293-325, 1999. Disponível em: <https://ieq.ufsc.br/cedoc/revistas/0/volumes-eletronicos/0/2663> Acesso em 03 jan. 2023.

DEPINÉ, Agatha. Especial: a trajetória das Cidades Criativas. **Via** – Estação Conhecimento, UFSC, 2021. Disponível em: <https://via.ufsc.br/trajetoria-cidades-criativas/> Acesso em: 10 de nov. 2022.

_____. Classe criativa: como e por que atraí-la à cidade? **Via** – Estação Conhecimento, UFSC, 2018a. Disponível em: <https://via.ufsc.br/classe-criativa-atrai-la-cidade/> Acesso em: 10 de nov. 2022.

_____. O que são cidades criativas. **Via** – Estação Conhecimento, UFSC, 2018b. Disponível em: <https://via.ufsc.br/sao-cidades-criativas/> Acesso em: 10/11/2022.

GOV.BR. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade** (RedeTrilhas), 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/areasprotegidasecoturismo/parquemais/rede-trilhas> Acesso em 15 jan. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades: Goiás, histórias e fotos**, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/historico> Acesso em: 10 jan. 2023.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da Cidade Criativa**. SESI-SP editora, 2013.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco; **The Creative City**. Demos, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=uulAbj7IKdIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em: 07 fev. 2023.

LIMA, Elder Rocha. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. Brasília, DF: IPHAN / 14ª Superintendência Regional, 2008.

MUNIZ, Thais. Cidade de Goiás celebra 20 anos como patrimônio mundial com programação especial. **Curta Mais**, 2021. Disponível em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/cidade-de-goias-celebra-20-anos-como-patrimonio-mundial-com-programacao-especial> Acesso em: 10 dez. 2022.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Bandeirantes e Pioneiros. As Fronteiras no Brasil e nos Estados Unidos. In **Novos Estudos**, n. 37, 1993. Disponível em: <http://bit.ly/3ZETkKt> Acesso em: 11 mar. 2023.

PAULUS, Wilson. **Adaptação estratégica voltada ao turismo cultural: o caso da cidade de Goiás**. 2013. 80p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br/files/images/Dissertacao%20-%20Wilson%20Cl%C3%A9rio.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PINHEIRO, Alessandro Alves. Interpretações acadêmicas sobre a Procissão do Fogaréu na cidade de GOIÁS: um olhar sobre algumas bibliografias. **Revista Expedições**, Morrinhos/GO, v. 10, n. 1, jan./abr. 2019.

REDE TRILHAS. **As trilhas de longo curso e as unidades de conservação**, 2022. Disponível em: <http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/rede-trilhas/a-rede-trilhas>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SILVA, Mônica Martins. As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em Goiás (1940-1980). **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, p. 212-230, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/191> Acesso em: 15 mar. 2023.

SOUZA, Petra. **Caminho de Cora Coralina agora integra Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso**. Agência Cora Coralina de Notícias, 2021. Disponível em: <https://agenciacoradenoticias.go.gov.br/3604-caminho-de-cora-coralina-agora-integra-rede-nacional-de-trilhas-de-longo-curso>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TAMASO, Izabela Maria. **Em nome de patrimônio**: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Creative Cities Network – Fortaleza**, 2019. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/fortaleza> Acesso em: 10 nov. 2022.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Creative Cities Network – João Pessoa**, 2017. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/joao-pessoa-0> Acesso em: 10 nov. 2022.

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?** Senac, 2012.

VESSONI, Eduardo. **Tour noturno por becos da cidade de goiás tem poesia sob a luz de lampiões**. Nossa Uol – Roteiros Culturais. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/nossa/viagem/guia/roteiros/2015/05/26/tour-noturno-por-becos-da-cidade-de-goias-tem-poesia-sob-a-luz-de-lampioes.htm> Acesso em 03 jan. 2023.

Alexandre Wagner da Silva Andrade

Graduado em Design pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo/SP. Especialização em Desenvolvimento Regional e Planejamento Turístico pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Cora Coralina

E-mail: alexandredesigning@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1663377897176850>

Marcelo Augusto Gurgel de Lima

Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa Eicos/IP/UFRJ). Pesquisador e professor substituto do curso de Turismo e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Cora Coralina.

E-mail: marceloaglima@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2892363735528766>

Recebido para publicação em outubro de 2023.

Aprovado para publicação em abril de 2024.